



UnB

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Luísa Avanci Laval

Tempos crônicos: a crônica jornalística
como meio de reflexão para a vivência temporal

Orientadora: Prof. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Brasília

2019

Luísa Avanci Laval

Tempos crônicos: a crônica jornalística
como meio de reflexão para a vivência temporal

Memorial apresentado ao curso de graduação em Jornalismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Rafiza Luziani Varão
Ribeiro Carvalho

Brasília

2019

Luísa Avanci Laval

Tempos crônicos: a crônica jornalística
como meio de reflexão para a vivência temporal

Memorial apresentado ao curso de graduação em Jornalismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, aprovado pela seguinte comissão examinadora:

Prof.^a Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Professora-Orientadora – UnB

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

Professor-Examinador – UnB

Prof^o Dr. Pedro David Russi Duarte

Professor-Examinador – UDELAR / UnB

A crônica é aquele pedaço da imprensa onde se cultiva a sensação de que o mundo continua livre – como os pardais, as nuvens e os vagabundos.
Lourenço Diaféria

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela minha vida, por me acompanhar sempre e por me ter dado pessoas maravilhosas que estão sempre ao meu redor.

Em seguida, gostaria de agradecer a meus pais, Alexandre e Valeria, e a meus irmãos, Lucas, André, Artur, Tomás e Tiago (q.d.p.), por, além de me darem todo o apoio característico de uma família, também terem sido o “laboratório” para minhas reflexões sobre o cotidiano, já que foi com eles que cresci e me tornei quem sou.

Agradeço especialmente aos meus orientadores Rafiza Varão e, anteriormente, Pedro Russi, por me guiarem ao longo do processo. Apesar de ter tido meus altos e baixos, sempre me acolheram e foram grandes suportes, ensinando-me mais do que todas as aulas assistidas na Universidade. Obrigada pela paciência e por acreditarem em mim, mesmo quando nada parecia ir para frente. O fato de ter sido orientada pelos dois em diferentes momentos contribuiu para minha visão de mundo.

Não poderia faltar o agradecimento a todas as minhas amigas, especialmente Ana, Kellen, Thaís, Rafaela, Ana Luiza, Brenda, Marina e Carla. Fizeram toda a diferença ao longo deste trabalho, e me deram forças quando pensava em desistir ou simplesmente quando o cansaço batia. Acrescento aqui cada amiga do Centro Cultural Lajedo e do Jacamar, por terem me dado todo o suporte necessário ao longo desses meses. Agradeço também a Ana Carol e Juliana, que foram as responsáveis pela diagramação e ilustração do livro, respectivamente, deixando o trabalho muito mais lindo do que imaginei (e por terem corrido tanto para dar certo). Deixo também minha gratidão aos meus colegas do jornal O Estado de São Paulo, os Focas, por terem me acompanhado e torcido por mim na reta final do TCC.

Por fim, agradeço à Universidade de Brasília (UnB), incluindo todos os professores e funcionários com quem convivi, por todo o conhecimento recebido e experiências que só pude viver porque estudei nessa instituição. Com os ataques recorrentes que a educação pública tem recebido, acredito que cada trabalho de conclusão de curso entregue é um sinal de vitória, e demonstra à sociedade que estamos aqui para fazer um trabalho sério e fortalecer o debate público. Obrigada por tudo o que vivi nas salas, corredores e espaços do Campus Darcy Ribeiro. Espero retribuir à sociedade por tudo o que aprendi durante esses quatro anos e meio.

Resumo

Este memorial apresenta o embasamento teórico e o processo de produção do livro *Tempos crônicos*. O produto reúne crônicas jornalísticas escritas pela autora sobre a vivência temporal e como essa se insere no cotidiano. O trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido partindo da ideia de que a sociedade humana se insere em um processo de aceleração constante, com cada vez mais recursos tecnológicos, medidores de produtividade e competitividade. Ao mesmo tempo, percebe-se a desvalorização dos momentos de reflexão e de pausa na rotina. Este memorial propõe-se a explicar o processo de criação do livro e de seus objetivos.

Palavras-chave: Crônica; Temporalidade; Kairós; Cronos; Livro; Comunicação; Literatura.

Abstract

This memorial presents the theoretical background and production process of the book *Tempos crônicos*. The product brings journalistic chronicles written by the author about the temporal experience and how it fits into the daily lives. The final paper was developed based on the idea that human society is part of a constant acceleration process, with increasing technological resources, productivity and competition. This memorial explains the process of the creation of the book and its objectives.

Keywords: Chronicle; Temporality; Kairos; Kronos; Book; Communication; Literature.

Índice de figuras

Figura 1. Capa, contracapa e orelhas do livro <i>Tempos crônicos</i>	30
Figura 2. Paleta de cores utilizada na capa do livro	31
Figura 3. Opções de combinações de cores para desenho da capa de <i>Tempos crônicos</i>	31
Figura 4. Ilustrações contidas em cada capítulo, organizadas por ordem cronológica	32
Figura 5. Fonte tipográfica Din, utilizada nos títulos do livro <i>Tempos crônicos</i>	33
Figura 6. Fonte tipográfica Minion Pro, utilizada no corpo dos textos do livro <i>Tempos crônicos</i>	34

Sumário

Introdução	10
1. O cotidiano e o tempo como despertadores da reflexão	14
1.1 O tempo nos afeta	15
1.2 Revisão de conceitos sobre o tempo	16
2. Gêneros jornalísticos	19
2.1 Gêneros opinativos	21
2.2 Crônica.....	22
2.2.1 História da crônica no Brasil e no mundo	23
2.2.2 Características da crônica.....	24
3. O livro <i>Tempos crônicos</i>	27
3.1 Divisão dos capítulos	29
3.2 Projeto gráfico.....	30
4. Diário de bordo.....	35
Conclusão	37
Referências	39

Introdução

Recentemente, meu¹ *smartphone* passou por uma atualização de *software* e, para minha surpresa, o relógio da tela inicial mostrava não só as horas e os minutos, como de praxe, mas também os segundos, contados ininterruptamente. Ou seja, agora posso calcular com maior precisão o tempo que se passa, cronometrando com exatidão quando passar para outra tarefa ou então prever o início de alguma atividade, como aulas, programas de televisão ou criticar uma consulta médica que não começa exatamente na hora. Este episódio não foi o primeiro em que reparei a preocupação do mercado em oferecer bens e serviços cada vez mais ágeis, os quais cumpram tarefas cada vez mais rápido e de maneira simplificada. O próprio aparelho *smartphone* tem essa função: executar múltiplas tarefas na palma da mão, aqui e agora.

Ao longo de minha graduação em Jornalismo na Universidade de Brasília (UnB), e em períodos de estágio em redações movimentadas, em que todos os fatos apurados devem ser narrados ou escritos o mais rápido possível, instigou-me o fato de que cada vez mais veículos de comunicação competem entre si para dar uma informação considerada relevante primeiro do que todos os outros, mas muitas vezes deixando em segundo plano a qualidade da própria informação: maneira como foi apurada, apresentada e relacionada ou não com outras matérias.

Além disso, olhando para a vida pessoal e de conhecidos ao redor, percebi como tem se tornado cada vez mais difícil encontrar-se *pessoal e pausadamente* com todos, pois sempre temos múltiplas atividades, e o tempo parece se tornar cada vez mais escasso. Quantas vezes deixamos de sair com a família e amigos ou então abrimos mão de um fim de semana para “correr atrás do prejuízo” do trabalho, da faculdade ou de outras pendências não resolvidas ao longo da semana? Essa dificuldade de promover encontros é aparentemente paradoxal, pois justamente hoje temos muito mais recursos para nos comunicarmos e facilidade para marcar um ponto de encontro em um horário definido. Ou então quantas vezes dissemos que não temos tempo para os outros, quando percebemos que navegamos horas pela Internet sem qualquer objetivo?

Essa competição entre veículos jornalísticos ou a preocupação em realizar tarefas simultâneas não é algo exclusivo da era contemporânea. O fato de o Jornalismo sempre ter sido marcado pelo inédito, pelo que é urgente e pela competição entre empresas, enquanto

¹ Por se tratar de um produto o qual trabalha o tempo como vivência individual e por possuir vínculo com a própria experiência da autora, optou-se pela utilização da linguagem em primeira pessoa, tanto no singular quanto no plural, em algumas passagens deste trabalho para conferir caráter mais realista e que reflete o impacto dos tipos de temporalidade na vida de cada ser humano.

expressões como “time is money” (*tempo é dinheiro*, em Inglês) surgiram no século XVIII (PRIPAS, 2009), é um indicativo de que a sociedade se baseia há um tempo considerável em pilares como “sucesso, competição, vitória, eficiência, produção e lucratividade” (PRIPAS, 2009).

Porém, o avanço das técnicas de comunicação e produção parece ter inflamado ainda mais esses valores e impacta fortemente nossa rotina. Antes, um furo de jornal era medido em diferença de dias ou horas de publicação. Hoje, as empresas disputam segundos de diferença. Se em outros tempos esperávamos semanas para receber uma carta com notícias de um familiar ou amigo, hoje esperamos essa resposta desde o momento em que enviamos uma mensagem para o celular dessa pessoa.

A escolha da temática do tempo para minha pesquisa de conclusão de curso vem junto a uma preocupação com a nossa submissão ao relógio, como se em cada segundo que se passa perdêssemos a chance de sermos mais produtivos e fazer algo “útil”: estamos sempre pensando na próxima pendência, nos compromissos do dia seguinte, nas tarefas inacabadas. Alguns autores responsabilizam por esse sentimento a monetização do tempo, como Maria Bernadete de Assis (In: PRIPAS, 2009, p. 67): “O tempo pós-moderno é ditado pelo ritmo das máquinas industriais, em que o trabalho é rápido e incessante, com duração ideal de vinte e quatro horas diárias. Nesse caso, uma parada significa menor produção e perda de lucros”. Paralelamente, Jonathan Crary (2017, p. 80) acredita que atualmente “o ataque à vida cotidiana se tornou ainda mais feroz. O próprio tempo foi monetizado, e o indivíduo, redefinido como um agente econômico em tempo integral).

Em diálogos com amigos, colegas de faculdade e de trabalho, familiares e inclusive desconhecidos encontrados em filas, ônibus e elevadores, frequentemente ouço reclamações de problemas de ansiedade, excesso de tarefas, tempo desperdiçado e insatisfação pessoal. Ao mesmo tempo, temos várias facilidades que permitiram realizarmos rapidamente todas essas tarefas e, em tese, termos mais tempo para fazer o que gostaríamos. Diante disso, faço próprio o questionamento do médico Sergio Pripas (2009, p. 34), o qual imagino poder também nortear o debate proposto: “Corremos tanto para sobrar tempo, mas cada vez precisamos de mais. Será que essa nova tecnologia proporciona maior tempo disponível ou só aumenta a aquisição e acúmulo de bens?”

A partir desse questionamento, foram consultados vários artigos e livros relacionados com a vivência temporal, em vista de realizar um trabalho de conclusão de curso que trouxesse

esse tema. Começou-se pelo artigo “El concepto de Kairós em la literatura hipocrática”, do qual nasceu a ideia de relacionar tempo e literatura. Posteriormente, utilizou-se os livros *24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono*, de Jonathan Crary e *Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han, além de alguns artigos do livro *Cronos Ensandecido*, organizado por Sérgio Pripas (2009). Essas foram as principais referências bibliográficas que guiaram este trabalho.

Em princípio, escreveria uma monografia que relacionasse tempo, literatura e jornalismo. Posteriormente, minha professora orientadora sugeriu a criação de um produto que trabalhasse esses três aspectos: um livro de crônicas. Por ter afeição à escrita, aceitei o desafio, e comecei a pesquisar também sobre o gênero textual crônica, para descobri-lo ao meu propósito. Chegou-se à conclusão que esse tipo de texto é ideal para falar sobre a vivência temporal, já que une aspectos literários e jornalísticos (MELO, 1943, p. 118). Nessa primeira esfera, é possível explorar a criatividade e convidar o leitor para um texto mais intimista e profundo, enquanto na outra se trabalha a objetividade e narração dos fatos, conferindo um caráter realista aos textos.

Fortuitamente, descobri que poderia “brincar” com o conceito e a proposta da crônica, não só por ser um gênero ao mesmo tempo jornalístico e literário (MELO, 1943, p. 118), como seu próprio nome traz o aspecto temporal, *cronológico* (FERREIRA, 1975, p. 404). Decidi, portanto, formular um livro com diversas crônicas autorais, as quais se propõem a refletir a nossa vivência cotidiana e como somos afetados pela passagem dos dias, horas, minutos e segundos.

Tendo explanado a origem do livro *Tempos crônicos*, o presente memorial tem por principal objetivo contextualizar e detalhar o processo da criação do produto.

O primeiro capítulo apresenta uma breve descrição de um dia comum, o qual inspirou as reflexões abarcadas neste trabalho, a fim de partir para os autores escolhidos para participar da discussão sobre vivência temporal, recapitulando os principais conceitos trabalhados ao longo da pesquisa.

O segundo capítulo traz a definição de crônica a partir de autores clássicos brasileiros, como José Marques de Melo e Jorge de Sá, a história de sua popularização no Brasil e características marcantes desse gênero textual.

O terceiro capítulo une os conceitos abordados nos dois anteriores e apresenta o desenvolvimento do livro *Tempos crônicos*, detalhando a sua proposta, o processo de escrita das crônicas e a construção da identidade visual do produto.

No quarto capítulo, descrevo a criação do livro a partir de um relato pessoal, mostro os chamados “acidentes de percurso” e reflito sobre a importância do produto para a discussão dos três temas já mencionados: tempo, literatura e jornalismo.

A conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso para a graduação em Jornalismo é apresentada no quinto capítulo, na qual sintetizo as ideias debatidas no livro, a importância do produto enquanto ferramenta de estímulo à discussão sobre o tempo e como ele está inserido em nosso cotidiano. Também convido a comunidade acadêmica a realizar outros trabalhos que abordem a crônica, gêneros opinativos e a discussão da vivência temporal.

1 O cotidiano e o tempo como despertadores da reflexão

No livro *Tempos crônicos*, busco entender como a crônica pode ajudar a refletir sobre a maneira como vivemos. Quais são as consequências desse modo de vida constantemente acelerado? Neste capítulo, traço o caminho percorrido para me apresentar essa questão, juntamente com os autores que embasam todo o pensamento desenvolvido ao longo do processo da escrita. Como mencionado na introdução deste trabalho, proponho-me a descrever a rotina do dia comum de um estudante de graduação atualmente, inspirada no meu próprio cotidiano e que motivou a refletir sobre a questão da vivência do tempo. Posteriormente, retomo a discussão teórica sobre o tempo e as características da crônica enquanto gênero jornalístico.

Josemaria Escrivá (2016, p. 80) costumava dizer que o momento de se levantar da cama deveria se chamar “minuto heroico”, e assim começa o nosso dia: o despertador do celular toca, e somos tentados a apertar o botão “soneca”, para conseguir nem que sejam mais cinco minutos de descanso. Depois de um breve momento de angústia, pulamos da cama para enfrentar mais um dia de trabalho. Lavar o rosto e trocar de roupa. Um rápido café da manhã (quando dá tempo). Sair correndo para pegar o ônibus e ir para a faculdade. Chegamos uns 10 minutos depois do início da aula. Quase quatro horas depois, com distrações no celular e momentos de puro tédio, é preciso almoçar logo, para não perder o horário de entrada do trabalho. Nos despedimos rapidamente dos colegas e amigos, e é preciso mais uma vez correr para pegar o ônibus, sem lugar para se sentar. A única coisa a fazer é colocar os fones de ouvido e ouvir músicas durante o percurso...

Desembarque: centenas de pessoas descem apressadas. Engolir o almoço que trouxemos na marmita ou no restaurante *self-service*, em que é preciso colocar logo a comida no prato para não sermos atropelados pelas outras pessoas da fila. No estágio ou no trabalho, muitas tarefas, ritmo frenético, falar com diversos contatos, participar de reuniões, cumprir prazos... Não dá tempo de ficarmos parados. Na saída, cansados e sem querer pensar em mais nada, voltamos ao nosso ônibus, e os fones voltam para nossos ouvidos durante todo o trajeto, ao mesmo tempo em que acessamos aplicativos de “redes sociais” para não perder nada de importante das notícias, vida dos amigos e outras curiosidades. O percurso é frequentemente marcado por engarrafamentos, buzinas e vendedores ambulantes que entram nos transportes e pistas para anunciar seus produtos.

Chegando em casa, falar um breve “oi” para nossos parentes ou colegas que moram ali, comer a primeira coisa que encontrar na frente, tomar banho. Quando finalmente teríamos

algum tempo para parar um pouco, lembramos que precisamos fazer um trabalho importante da faculdade, estudar para uma prova difícil, resolver alguma questão familiar ou, quando a situação é um pouco mais favorável, nos lembramos de que não assistimos vários episódios da série de que gostamos e decidimos acompanhar para não ficarmos “desatualizados”. E lá se vão mais algumas horas da noite, que se arrastam muitas vezes até a madrugada do dia seguinte. Quando finalmente conseguimos nos deitar para tentar dormir, nossa cabeça ainda está rodeada de imagens, ruídos, informações, e demoramos para pegar no sono, que não costuma durar mais do que 6 horas. Agora, é preciso aproveitar este intervalo para tentar repor as energias para sobreviver, não só a um minuto, mas sim a um dia heroico, em que tentamos sobreviver à avalanche de tarefas e informações que nos bombardeiam 24 horas por dia, 7 dias por semana.

1.1 O tempo nos afeta

Todos nós poderíamos nos encaixar nessa descrição de um dia comum, com algumas alterações de circunstâncias profissionais, familiares e de questões físicas, como distâncias e veículos de transporte. Ainda assim, não é preciso procurar muito para perceber a quantidade de problemas que derivam do nível de *stress* que vivemos hoje: basta abrir *sites* de notícia para ver índices estrondosos e matérias sobre doenças como depressão, síndromes de pânico e ansiedade, problemas de foco e atenção, e até mesmo casos de suicídio, de pessoas que não conseguiram “suportar” essa carga que é viver.

Além da carga de *stress* do trabalho e de outras atividades de nosso dia, vemo-nos bombardeados por notificações em nossos *smartphones*: aplicativos de mensagens, notícias, informações da economia nacional e internacional, jogos, redes sociais. Se tentamos fugir dessa vertigem de informações, nos deparamos com televisores acesos por todos os lados: no ônibus, no trem do metrô, no restaurante, nas salas de espera, no elevador, em casa, no trabalho. E quando finalmente conseguimos um momento de silêncio, ficamos incomodados: “deve estar faltando alguma coisa”. Sendo assim, colocamos nossos fones de ouvido para distrair a mente com músicas, mais notícias, para assistir a vídeos, filmes, séries, programas... Diálogos curtos e rápidos, efeitos especiais, comédias, qualidade de imagem impecável. Mas pouco conteúdo que provoque a reflexão.

O tempo para o pensamento, para a elaboração mental do que é visto, é redefinido a zero. Nesses filmes, o apelo é mais aos órgãos dos sentidos do que à reflexão. A ênfase é no suceder de imagens, em lugar de uma narrativa. Trata-se de um dos sinais importantes de que no mundo contemporâneo a exterioridade se apresenta à frente da construção da interioridade. A poluição de imagens e ruídos não provoca a função contemplativa do ser humano, essencial para o processo de tornar-se sujeito. Estamos carentes de alma! (ASSIS In: PRIPAS, 2009, p. 68)

Neste trabalho de conclusão de curso, proponho-me a discutir sobre esse ritmo acelerado em que estamos nos inserindo como sociedade e como podemos pensar sobre isso através de teóricos que escreveram sobre o tema e algumas obras literárias que abarcam em suas narrativas diferentes visões acerca do tempo. Por um lado, está o Jornalismo, atividade subjugada ao tempo, na qual veículos de comunicação concorrem para noticiarem primeiro os fatos, fazendo com que a relação com o relógio seja continuamente tensionada. Por outro, a Literatura se torna um campo vasto, com elementos que enriquecem o debate sobre a questão, mas acaba sendo deixada de lado tantas vezes por ser uma ciência que exige tempo, paciência, criatividade e reflexão para ser interpretada.

No próximo tópico, trago alguns conceitos e autores que auxiliaram no desenvolvimento do livro *Tempos crônicos*, juntamente com outros fatores que despertaram a relação com o trabalho.

1.2 Conceitos sobre o tempo

Do ponto de vista acadêmico e para iniciar essa discussão, trago alguns teóricos que pensaram a respeito da forma como vivenciamos o tempo. Jonathan Crary (2017, p. 22), por exemplo, aborda essa questão a partir de uma lógica mecânica, a qual “supera a lógica do desligado/ligado, de maneira que nada está de fato ‘desligado’ e nunca há um estado real de repouso”. Para ele, essa lógica levaria ao chamado “regime 24/7”, isto é, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Neste regime, cada indivíduo se insere em um ciclo de constantes tarefas, quase como uma produção fabril, na qual é melhor quem é mais ágil, quem consegue executar mais tarefas em menos tempo, e que está constantemente atualizado sobre novos meios tecnológicos e busca maneira de “otimizar” ainda mais o tempo. Nessa linha, o que é devagar não gera produtividade, e a falta de produtividade prejudica o desenvolvimento econômico e a obtenção do lucro (ASSIS In: PRIPAS, 2009).

Mercados atuando em regime de 24/7 e infraestrutura global para o trabalho e o consumo contínuos existem há algum tempo, mas agora é o homem que está sendo usado como cobaia para o perfeito funcionamento da engrenagem (CRARY, 2017, p. 13)

Essa aceleração para o funcionamento da “engrenagem” não se encontra apenas no âmbito do trabalho humano, mas em todas as outras dimensões da vida, como os relacionamentos, o lazer, o descanso, a vida interior: a todo o momento somos estimulados a consumir informações pelo *smartphone*, ou a assistir múltiplas imagens em televisores e computadores, ou a simplesmente fazer alguma coisa “útil”: sair nos fins de semana, ler vários

jornais, ir à academia e um longo etecetera. Tudo formulado para ser fácil, rápido, de maneira a não perder tempo (e, conseqüentemente, dinheiro). Porém, em meio a todas as facilidades às quais temos acesso, não restam intervalos de tempo para reflexão, para “digerir” as informações, o que Byung-Chul Han (2015, p. 8) chama de “excesso de positividade”: somos expostos a tantas imagens, informações, tarefas, que chega um momento em que não conseguimos mais assimilar tudo e simplesmente eliminamos o que é considerado inútil, ou melhor dizendo, o que não favorece a execução imediata de pendências.

Em uma conferência sobre cultura móvel, o professor José Luis Orihuela (2017) afirmou: “Os celulares sequestraram nosso olhar”. Para constatar esse fato, basta olharmos para as telas de nossos *smartphones*, os quais nos bombardeiam constantemente com notificações de aplicativos de mensagens, notícias e de interações em redes de relacionamento. Temos dificuldade em realizar alguma atividade de trabalho ou assistir a uma aula sem pelo menos dar uma olhada no celular de tempos em tempos (que podem variar de acordo com cada um), ou simplesmente ignorar quem fala e deixar os olhos e as mãos se renderem para as telas. Quando ficamos muito tempo sem acessar a internet, temos a impressão de que alguém nos perguntou algo importante e que não responderemos a tempo, ou não saberemos tudo sobre aquele assunto abordado pelos veículos de comunicação, ou simplesmente não conseguiremos acompanhar nosso *feed* de notícias em nossos perfis nas redes sociais. Frequentemente, pessoas acordam à noite para acessar seus aparelhos (o que reforça a ideia da positividade excessiva).

O médico Sergio Pripas (2009), juntamente com pesquisadores de diferentes áreas, propõe-se a discutir a vivência do tempo e as conseqüências dessa constante aceleração que incorporamos a partir de diversos lugares de fala: a Psicologia, o Jornalismo, a Literatura, a Arquitetura, entre outros. Chama a atenção a quase unanimidade dos autores em admitir que a atual carga de trabalho das pessoas neste século pode trazer danos irreparáveis para o futuro em todas as dimensões do ser humano (física, psicológica, espiritual). Pripas (2009) alerta para o perigo do culto à velocidade, em especial no ambiente de trabalho, e como isso impacta todos os aspectos da vida humano, inclusive a infância:

Na sociedade, os mais altos valores são cunhados no sucesso, na competição, vitória, eficiência, produção e lucratividade. Tudo gira em torno da aceleração: como ler, informar-se, produzir, comprar, ganhar mais depressa, resultando em números e não interessando a qualidade. Em relação às crianças, o desejo dos pais é que elas aprendam outras línguas, esportes, noções de informática ou a própria alfabetização em idades cada vez menores, por vezes representa simbolicamente "o sucesso", mas nem sempre corresponde à idade correta para tal, substituindo inclusive a atividade mais importante na infância: brincar, cujo significado pode perder importância sob essa ótica. (PRIPAS, 2009, p. 33)

A psicóloga Maria Bernadete de Assis (In: PRIPAS, 2009) discute na mesma obra a vivência do tempo e relação com a alma, a qual se opõe ao ritmo acelerado das indústrias, empresas e meios de produção. Ela busca resgatar a importância da contemplação, atitude que exige pausa e silêncio interior, algo cada vez mais difícil de se praticar atualmente: “Diante de tal ‘bombardeio’ de informações, o aparelho mental ‘sobrecarregado’ reage muitas vezes criando uma espécie de barreira protetora. Passamos a não ouvir, não ver, não assimilar a informação na profundidade que ela mereceria” (ASSIS In: PRIPAS, 2009, p. 73). A autora estimula a atitude contemplativa, para trazer um bem-estar maior à pessoa e a atingir um grau maior de profundidade, em que se vence a “pressa desmedida” e se procura desacelerar: “Cuidar da alma é, nesse sentido, ir mais devagar” (ASSIS In: PRIPAS, 2009, p. 83).

Por fim, os autores José Martínez Conesa e Maria Antonia Lloveras (1991), contribuem para a discussão trazendo duas formas de se “enxergar” e viver o tempo: Cronos e Kairós. Os dois termos se referem originalmente a deuses da mitologia grega. Cronos foi pai de Zeus e de outros deuses e, com medo de se tornarem mais poderosos, devora os próprios filhos. Sua imagem representa o tempo *cronológico*, contado pelo relógio (segundos, minutos, horas, etc.), e ao qual todos estaríamos submissos. Kairós é chamado de Deus da Oportunidade: é conhecido por ser extremamente veloz e por possuir uma única mecha de cabelos na cabeça. A única forma de detê-lo é segurando essa mecha. Portanto, o tempo *kairológico* é aquele que não pode ser cronometrado, mas só pode existir quando se vivencia aquele momento, naquilo em que se “agarra a oportunidade” para uma existência consistente. Ao longo deste trabalho, vou aprofundar estes conceitos e trazê-los para a nossa perspectiva no século XXI.

Após uma breve exposição dos conceitos sobre o tema que embasam o livro *Tempos crônicos*, no próximo capítulo exploro o universo dos gêneros jornalísticos, com foco nos opinativos, para então descrever o histórico da crônica e as características que a inserem dentro do jornalismo, para em seguida relacionar tais conceitos com a narrativa criada para o desenvolvimento do produto.

2 Gêneros jornalísticos

No que tange às formas de se fazer jornalismo, diversos pesquisadores e jornais adotaram a classificação das publicações jornalísticas, a fim de delimitar espaços para cada tipo textual e estruturar seus objetivos. Neste trabalho, adotamos a pesquisa e escritos do autor brasileiro José Marques de Melo, por ser uma referência no estudo do Jornalismo no país e abordar diferentes classificações em sua obra.

Para Melo (1985, p. 32), a classificação de gêneros jornalísticos começou no século XVIII, “quando o editor inglês Samuel Buckley decidiu pela separação entre *news* [notícias] e *comments* [comentários] no *Daily Courant*”. Era o início da divisão entre jornalismo informativo e jornalismo opinativo, que pode ser interpretada como uma “necessidade sociopolítica de distinguir os fatos das suas versões” (MELO, 1985, p. 32), representando a busca da imparcialidade e neutralidade na transmissão dos fatos, ao mesmo tempo em que veículos de comunicação e jornalistas procuram se posicionar diante desses acontecimentos. Essa separação é importante para a delimitação dos limites de cada tipo de atuação jornalística, principalmente no sentido político (MELO, 1985), a fim de evitar interferências entre os gêneros.

Desde essa primeira classificação, surgiram diversos tipos de categorização de acordo com o período histórico e com o desenvolvimento da imprensa em cada país. Em determinadas épocas, o jornalismo opinativo ocupou o lugar central dos veículos de comunicação, enquanto em outras a preocupação maior era dar uma visão aparentemente imparcial acerca dos fatos. Além disso, não há um consenso entre os autores sobre a definição dos gêneros jornalísticos. Exemplo disso é a própria crônica, a qual já foi considerada como gênero informativo por alguns acadêmicos e gênero opinativo na visão de outros.

Outro olhar sobre a classificação dos textos jornalísticos é a do jornalista Juan Gargurevich (In: MELO, 1985, p. 33), para o qual tais gêneros representam “formas que busca o jornalista para se expressar”, e se definem pelo “estilo” da escrita, pois seu objetivo é o “relato da informação e não necessariamente o prazer estético”, chegando-se a “formas jornalístico-literárias”. Ou seja, por mais que uma publicação contenha traços literários ou seja rico em detalhes estéticos, o foco será sempre as informações contidas nas linhas: o repórter, editor ou colunista é que escolherá como apresentá-las e se expressará sua opinião sobre tais.

Dessa forma, a delimitação dos gêneros jornalísticos contribui para que leitores e pesquisadores possam identificar as diferenças entre textos informativos, opinativos ou que

mesclam essas duas características. Essa classificação pode mudar de acordo com os universos culturais de cada país: o estilo “depende da relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, aprendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas)” (MELO, 1985, p. 33). Cada país imprimirá nos diferentes gêneros características próprias e que correspondam às expectativas do povo.

Após apresentar diferentes classificações internacionais e brasileiras e suas principais características, Melo (1985, p. 48) cria a sua própria (a qual adotamos neste trabalho) e divide as seguintes categorias de gêneros jornalísticos em:

a) Jornalismo informativo:

1. Nota;
2. Notícia;
3. Reportagem;
4. Entrevista.

b) Jornalismo opinativo:

1. Editorial;
2. Comentário;
3. Artigo;
4. Resenha;
5. Coluna;
6. Crônica;
7. Caricatura;
8. Carta.

Para chegar a tal divisão, o autor adotou dois critérios de classificação: a intencionalidade dos relatos e a natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos. O primeiro refere-se à possibilidade da “reprodução do real e a leitura do real” (MELO, 1985, p. 47), ou seja, os gêneros se dividem a partir de “dois núcleos de interesse: a informação (saber o que passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que se passa)” (MELO, 1985, p. 47). O segundo critério relaciona-se com “a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)” (MELO, 1985, p. 47), isto é, a classificação se dará de acordo com a estrutura do texto e como o público recebe determinado conteúdo.

Chama a atenção o fato de existir um maior número de gêneros de jornalismo opinativo do que informativo. É possível explicar essa disparidade por meio das “identidades diversas a partir da autoria/angulação” (MELO, 1985, p. 49) assumidas pelos textos, ou seja, a expressão de opinião proporciona novas possibilidades de se lidar com a informação e de apresentar outros pontos de vista, enquanto os gêneros informativos devem se ater mais à concretude dos fatos.

Aprofundaremos a questão dos gêneros opinativos para, em seguida, abordar a temática da crônica, a qual está inserida nesse universo de conceitos.

2.1 Gêneros opinativos

Os gêneros opinativos são caracterizados pela retratação de uma posição marcada ou de um ponto de vista em conteúdos jornalísticos, seja do autor ou do veículo em que ele é divulgado. Para Melo (1985, p. 77), a necessidade de se exprimir a opinião por meio de publicações jornalísticas se deu a partir do “momento em que a imprensa deixou de ser empreendimento individual e se tornou instituição, assumindo o caráter de organização complexa”, já que o processo de produção da notícia passou a ser mais rápido e em maior escala. Os textos opinativos assumem o papel de refletirem o dinamismo da sociedade e instrumentos para que um veículo acompanhe as etapas da transformação da notícia (MELO, 1985).

Melo (1985) aponta a existência de quatro núcleos dos quais pode haver emissão de opinião: a empresa, que se manifesta oficialmente no editorial; o jornalista, o qual pode apresentar sua opinião por meio de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura ou artigo; o colaborador, que pode ser algum representante da sociedade civil que queira participar da vida política e cultural por meio de artigos publicados no jornal; o leitor, o qual pode expressar sua visão pessoal e críticas por meio da carta. Recentemente, pode-se inserir no núcleo do leitor os comentários feitos nas notícias publicadas online e em redes sociais.

Segundo o autor, a principal forma de manifestação da opinião de um veículo se dá por meio do processo de escolha de temas a serem tratados pelo jornal e de que forma será feita a abordagem desses: “toda instituição jornalística possui sua linha editorial que, através da seleção de informações, entrelaça o fluxo noticioso e lhe dá um mesmo sentido” (MELO, 1985, p. 78). Cabe ressaltar a teoria do enquadramento (ou *framing*) jornalístico, ou seja, mesmo que se busque relatar os fatos com imparcialidade, sempre há um resquício da visão ou interpretação de quem o reporta, já que a maneira como se enxerga e se interpreta a questão é influenciada por opiniões e experiências pessoais (MENDONÇA e SIMÕES, 2012).

No entanto, a opinião expressada nos gêneros opinativos precisa ser clara e concreta. Inclusive, é acompanhada frequentemente por adjetivos, palavras críticas ou ácidas, ironias e outros recursos para reforçar o peso de seus argumentos. Há tipos de linguagens que tendem a manifestar a opinião de forma contida, embasada fortemente nos fatos, como o artigo e o comentário, enquanto outras exploram o incomum ou ridículo dos personagens citados para marcar sua posição, como a caricatura e alguns cronistas ou cronistas. Mesmo assim, cada autor ou veículo pode imprimir com maior ou menor força a sua opinião nos diferentes gêneros de acordo com sua visão de mundo.

Quanto mais opiniões diversas estejam contempladas em um veículo, maior será possibilidade da existência de “uma abertura para que a valoração das notícias possa ensejar a circulação de diferentes pontos de vista. A amplitude desse espaço varia de instituição para instituição” (MELO, 1985, p. 78). Dessa forma, o veículo jornalístico torna-se um local de debate e procura fomentar o pluralismo de ideias divulgadas por meio da plataforma de notícias. Neste trabalho, não se discute como esse debate se dá na realidade, mas como ele é concebido e as possibilidades que se apresentam para a figura do jornalista.

Melo divide essas manifestações específicas de opinião no meio jornalístico como da empresa e do jornalista, enquanto profissional contratado por determinado veículo (MELO, 1985, p. 78). No primeiro caso, o principal gênero opinativo adotado é o editorial, no qual é apresentada “a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”. Quanto aos gêneros escritos individualmente por um ou mais jornalistas, encontram-se comentário, resenha, coluna, caricatura, artigo e, a qual este trabalho aborda com maior profundidade no tópico seguinte, crônica.

2.2 Crônica

A crônica tem uma grande importância no jornalismo brasileiro, por se tratar de um gênero opinativo com grande potencial de atração do público, já que possui uma linguagem mais leve, texto mais curto e uma possibilidade imensa de se explorar o cotidiano do cidadão comum. Paulo Rónai (1971 apud MELO, 1985, p. 111) a define como “uma composição breve, relacionada, com a atualidade, publicada em jornal ou revista”. Além disso, ela é capaz de envolver o leitor na história por possuir “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (MELO, 1985, p. 111). Melo afirma que, em outros países, não é raro haver gênero semelhante, que mescla de forma harmônica jornalismo e literatura.

2.2.1 História da crônica no Brasil e no mundo

Historicamente, a crônica nasceu como narrativa dos fatos de forma cronológica, a fim de ser um registro histórico (MELO, 1985). Ela chegou a ser definida como “embrião da reportagem, ou seja, uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo” (MELO, 1985, p. 111). José Marques de Melo cita como exemplo as cartas que o escritor Eça de Queiroz enviava da Inglaterra no século XIX, nas quais transmitia a própria visão da sociedade inglesa e de seu desenvolvimento.

Em outros países, como França, a crônica é tida como uma cobertura especializada de algum setor social, como religião, música, agropecuária e literatura. Na Espanha, a crônica é definida como produção jornalística que une fatos com análise. Já na Itália, refere-se à informação apresentada pelo olhar do repórter que a escreveu (MELO, 1985). Em comparação com outros países, pode-se dizer que a crônica brasileira tem um estilo único, enquanto nos outros exemplos citados pode ser considerada a combinação de outros gêneros, como a reportagem setorial e a coluna, no caso francês, como a notícia e o comentário, na Espanha, e uma reportagem, na Itália (MELO, 1985).

Acredita-se que a crônica brasileira tenha um perfil tão singular por conta da forma como ela nasceu e se desenvolveu nos jornais: em formato de folhetins escritos por poetas ou ficcionistas, no século XIX (MELO, 1985). Afrânio Coutinho (1971, apud MELO, 1985, p. 114), “o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o ‘folhetim semanal’”. Posteriormente, viriam autores conhecidos como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Raul Pompéia (MELO, 1985).

Originalmente, os textos eram publicados semanalmente e reuniam comentários sobre temas variados. Para Afrânio Coutinho (In: MELO, 1985, p. 114), “a crônica adquire personalidade com Machado de Assis, que, ao praticar esse gênero, confessava-se escrevendo ‘brasileiro’”. Essa escrita “brasileira” tinha como característica a linguagem coloquial, diferente da escrita jornalística da época, de estilo rebuscado e empolado. Com o tempo, a crônica se consolidou no espaço jornalístico e tornou-se um gênero autônomo, desvinculado do folhetim (MELO, 1985).

A crônica moderna, como se conhece atualmente, “se definiu e se consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas” (CANDIDO In: MELO, 1985, p. 114) na década de 1930, após a Semana de Arte Moderna de 1922, a qual buscava a identidade da arte brasileira. Destaca-se a produção de cronistas como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulos Mendes Campos (MELO, 1985). Deve-se considerar o contexto de busca pelo desenvolvimento industrial no país, o qual reforçou a busca “permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística” (MELO, 1985, p. 115).

A partir de então, “a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade do jornalismo em mutação” (MELO, 1985, p. 115), e passa do simples relato poético para o relato da atualidade, mesclado com “sensibilidade e dinamismo da notícia” (MELO, 1985, p. 115).

2.2.2 Características da crônica

Por possuir intimidade com a veracidade da informação e com recursos estéticos, a crônica inserida em um jornal caracteriza-se como um gênero simultaneamente jornalístico e literário. Para José Marques de Melo (1985, p. 118), “a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva”. Além de reforçar o caráter jornalístico desse tipo textual, Melo (1985, p. 118) também sublinha seu aspecto literário, por continuar válida e atrativa mesmo depois de muito tempo da ocorrência dos fatos: “Vários cronistas tiveram sua produção reunida sob a forma de livro, atravessando o tempo, continuando a despertar o fascínio dos leitores.” O cronista é o jornalista ou outro escritor capaz de unir a realidade ao poético:

O cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores. Atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva. (...) Realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano, à dureza do dia a dia. (MELO, 1985, p. 116)

A estrutura textual da crônica caracteriza-se por possuir poucos personagens, um ambiente em geral comum ao cotidiano do leitor e o enredo desenvolve-se em um curto intervalo temporal. A linguagem empregada costuma ser simples e de fácil assimilação para o leitor. Ainda que o autor empregue recursos poéticos e dê uma interpretação pessoal aos fatos, ele deve se ater às características jornalísticas do texto, o que implica “fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora” (MELO, 1985, p. 116).

Jorge de Sá reúne diversos estudos sobre esses cronistas em um único livro, no qual destaca as principais características estilísticas de cada e traça um “perfil” da crônica jornalística brasileira (SÁ, 2002). O autor ressalta o caráter interpretativo que um cronista pode dar ao relatar fatos em seu texto, frequentemente utilizando recursos cômicos, mas que são capazes de provocar a reflexão do leitor: “A busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade” (SÁ, 2002, p. 23). Tal visão pode ser vista como um paralelo à afirmação de José Marques de Melo, o qual conceituou a crônica como “relato poético do real” (MELO, 1985, p. 120).

É importante ainda ressaltar que essa relação com o poético se deve à liberdade do autor de crônica jornalística para acrescentar ações imaginárias ou literárias em torno a um episódio real, não apenas para enriquecer a narrativa, mas para acrescentar uma visão e reflexão pessoal aos fatos, ou para reforçar o caráter reflexivo para o leitor. Tais elementos são responsáveis por marcar o tom literário da crônica, sem perder o peso jornalístico. “O cronista-poeta não fantasia sensações, registra-as usando os seus recursos estilísticos, mas sempre consciente de que a crônica oscila entre o visto e o imaginado” (SÁ, 2002, p. 71). Além disso, a crônica tem o forte papel de “crítica social, que corresponde a ‘entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem’” (MELO, 1985, p. 116), ou seja, de apresentar a realidade de forma a provocar a sensibilidade e consciência do leitor.

Como a crônica é publicada no jornal, insere-se da produção ritmada do Jornalismo. Nesse caso, o cronista deve possuir a habilidade de escrever criteriosamente, empregando os devidos recursos literários, ao mesmo tempo em que tem de se submeter às regras de publicação do veículo em que trabalha, para oferecer aos leitores conteúdo constante e com frequência definida (seja diária, semanal, quinzenal ou mensal). Essa relação tensionada com o tempo pode influenciar no processo de construção do texto, em seu tamanho e na própria linguagem. Jorge de Sá compara esse ritmo acelerado da escrita com o cotidiano, no qual as pessoas têm um período definido para cada atividade, incluindo conversas entre conhecidos:

À pressa de escrever, junta-se a de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para poder acompanhá-los. Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente um texto escrito. (SÁ, 2002, p. 10)

Por possuir essas características, a crônica jornalística torna-se um gênero atrativo tanto para o autor quanto para o leitor, já que permite a exploração dos fatos com profundidade, senso crítico e criatividade. Para o primeiro, o texto torna-se uma obra-prima, a qual deve mesclar

realismo jornalístico com riqueza dos elementos literários. Para o segundo, é uma oportunidade de conhecer outra visão de mundo de maneira simples e rápida, ao mesmo tempo em que se identifica com a situação descrita e pode tirar conclusões para a própria vida.

Os próprios cronistas reconhecem o papel de provocar a reflexão por meio desse gênero jornalístico. Com o uso do texto conciso, preciso e crítico, procuram apresentar um novo olhar da realidade, embora nem sempre sejam compreendidos. Sobre as críticas de que a crônica poderia ser um gênero textual irreal ou desnecessário, Melo traz em sua obra a resposta de Carlos Drummond de Andrade a um leitor insatisfeito:

Carlos Drummond de Andrade, em carta a um de seus leitores que reclamava da “frivolidade” do cronista, faz a reivindicação do ‘espaço descompromissado’, argumentando que o jornal já está cheio de assuntos graves. ‘O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigerio, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Nós devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões da vida.’ (MELO, 1985, p. 115)

O livro *Tempos crônicos* compila crônicas escritas por mim, nas quais busco unir esses elementos da crônica jornalística com a temática do tempo, como mencionado anteriormente. No capítulo seguinte, explico como se deu essa junção e o processo de elaboração do produto.

3 O livro *Tempos crônicos*

Ao se referir ao processo de seleção de crônicas para elaborar um livro, Antonio Candido destaca o caráter transitório original, mas que posteriormente é capaz de se transformar em um texto perene:

Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés do chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. (CANDIDO, 1983, p. 14)

A escolha da publicação das crônicas reunidas em um livro é uma relação direta com essa ideia de durabilidade e permanência, as quais por sua vez se interligam aos conceitos de tempo *kairológico*, mais duradouro e que exige maior pausa e reflexão. Ao longo do processo editorial do livro, buscou-se escrever e selecionar crônicas que tenham potencial de serem atemporais e não dependerem de vínculos factuais. A forma de elaboração e organização do livro foi inspirada nas publicações *Seleção em prosa e verso*, de Cecília Meireles (1973) e *Cadeira de Balanço*, de Carlos Drummond de Andrade (1987), as quais reúnem as principais crônicas de cada autor.

Como dito anteriormente, o produto busca provocar a reflexão sobre a maneira como a sociedade atual vivencia o tempo por meio de crônicas, textos considerados adequados para isso por possuírem características como leveza, ironia, reflexão e provocarem maior identificação do leitor com o conteúdo. Adotando justamente esse tom coloquial, o escritor Lourenço Diaféria (In: MELO, 1985, p. 120) afirmava: “A função da crônica é explodir, é não deixar a peteca cair, é acordar as pessoas que estão dormindo de olho aberto, e gritar”. A partir disso, buscou-se criar um ambiente próprio para envolvimento e consideração sobre a vivência do *Kairós* no cotidiano.

O livro contém 12 crônicas, cada uma referente a um mês do ano. A proposta é que o leitor passe por etapas marcantes de um ano e acontecimentos importantes, tais como festas, feriados, ou fatos que costumam caracterizar cada mês. Ao longo da leitura, o produto busca criar um universo propício à reflexão que, a partir das narrativas reunidas, quem lê pense na própria vida e em como ela é afetada pelo tempo. Todos os textos partem de um fato ocorrido

ou reflexão pessoal na minha trajetória, portanto, contêm muitos aspectos de minha visão de mundo e forma de interpretá-lo.

A crônica jornalística foi pensada como a melhor maneira de provocar essa reflexão por possuir compromisso com a realidade, ou seja, ser baseada em episódios verídicos, ao mesmo tempo em que há liberdade para interpretá-los, a fim de enriquecer o texto com elementos literários e detalhes que muitas vezes não cabem em textos jornalísticos voltados para a objetividade, como reportagens e notas.

Enquanto o ficcionista tem o direito de criar acontecimentos, pessoas, datas, locais etc., em função de uma verossimilhança que consiste na coerência interna do próprio texto, o cronista deve ‘injetar um sangue novo’ em ‘um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou de véspera’, trabalhando, pois, com um conceito de verossimilhança que liga a coerência interna do texto à coerência do fato comprovadamente acontecido. (SÁ, 2002, p. 73)

Apesar de a crônica jornalística estar alocada originalmente em jornais, ela não se limita ao meio em que é divulgada para permanecer como um gênero jornalístico. Enquanto ela está inserida em um veículo de comunicação, relaciona-se com outros textos, imagens e infográficos. Por outro lado, “na ultrapassagem do jornal para o livro, atenua-se o vínculo circunstancial e elimina-se a referência às demais matérias e à própria diagramação. Com isso, o texto adquire maior independência, e o leitor fica estimulado a buscar, no seu próprio imaginário, todas as associações possíveis” (SÁ, 2002, p. 83)

Dessa forma, o produto foi pensado como um livro para reforçar o papel provocador de reflexão e a experiência pessoal de cada leitor. Além disso, esse tipo de publicação permite imprimir um caráter de perenidade das crônicas contidas nele, o que fortalece ao mesmo tempo a proposta de se discutir o *kairós*, forma de temporalidade a qual demanda maior dedicação e contemplação para ser assimilada (CONESA; LLOVERAS, 1991). Dessa forma, “no momento em que a crônica passa do jornal para o livro, temos a sensação de que ela superou a transitoriedade e se tornou eterna” (SÁ, 2002, p. 85). Ainda que os textos contidos neste trabalho não tenham sido previamente inseridos em um jornal, possuem caráter jornalístico e podem ser lidos de forma independente, sem se prender necessariamente a uma ordem cronológica ou semântica.

O título *Tempos crônicos* faz uma menção direta ao gênero textual escolhido para embasar a reflexão. Ao mesmo tempo, a palavra crônica traz a ideia de algo inerente à vida de qualquer indivíduo. O nome faz uma brincadeira e entrelaça o cotidiano, marcado por fatos, a vivência cronológica e as próprias crônicas textuais.

O próximo tópico deste capítulo detalha o fio condutor do livro, e como isso pode estimular a experiência literária do leitor.

3.1 Divisão dos capítulos

Tempos crônicos busca transmitir ao leitor o transcorrer de um ano na existência de uma pessoa de classe média, habitante de uma metrópole. Cada crônica, referente a um mês específico, contém episódios relacionados à vivência cotidiana desse cidadão. Os acontecimentos narrados não estão necessariamente ligados à vida de um único indivíduo, mas são episódios que poderiam ocorrer com qualquer um, em diferentes etapas da vida. Os textos podem ser lidos em qualquer ordem, por possuírem independência entre si, mas a maneira como estão organizados tende a transmitir melhor a ideia de transitoriedade do tempo, tanto cronológico quanto *kairológico*.

Pensou-se, por exemplo, que os primeiros meses tenderiam a ser mais alegres, divertidos, por conta da aura de um novo ano, quando as pessoas tendem a estar descansadas e começam um ritmo de trabalho intenso. Esse clima não impede que haja momentos de cansaço, tristeza ou irritação, se há episódios que proporcionem essas sensações ou sentimentos. Por outro lado, ficam marcados os desejos de melhora, de mudança, e o indivíduo busca agir para alcançar novos objetivos.

Já nos meses que se encontram no meio do ano têm a proposta de trazer a sensação de rotina, quando não se tem mais a energia e empolgação do início do ano, mas o fim do ano ainda está distante. O clima é de tédio ou ócio, em que são precisas vivências atípicas para que fiquem marcadas, como um feriado ou uma festa junina. O trabalho torna-se mais custoso, pois há acúmulo de demandas e parece que as metas propostas são mais difíceis do que se imaginava.

Por fim, os últimos meses do ano são marcados por um senso de urgência, fruto do que ainda não foi feito e as pendências características do período. Além disso, há um espírito mais forte de reflexão, de balanço das ações boas e más praticadas ao longo dos dias, o pensamento sobre o passado e futuro. Paira o ar de melancolia, cansaço, ao mesmo tempo em que há uma fagulha de esperança pelo que está por vir: a ideia de que o próximo ano será diferente, expectativas, desejos, a chegada das férias, entre outros.

Ao fim da leitura, como se mencionou anteriormente, o leitor terá percorrido o período de um ano, o qual provavelmente será semelhante ao que ele está acostumado a viver. Isso promove a reflexão sobre a própria vida, sobre o seu ritmo de vida, sua rotina e metas pessoais, como Jorge de Sá aponta (2002, p. 67): “Essa ‘relação invisível mas real’ [estabelecida entre o

leitor e a crônica] confirma o encontro do homem com algo que está fora dele, como se assim alcançasse o necessário distanciamento para compreender os seus próprios atos”. As crônicas têm forte potencial de provocar essa experiência estética por possuírem o caráter jornalístico, conectado à realidade e objetividade dos fatos, ao mesmo tempo em que têm um ar literário e poético, o qual torna o texto leve e atrativo.

3.2 Projeto gráfico

O livro *Tempos crônicos* possui 46 páginas, com dimensões de 13 cm por 18, 2cm em formato fechado e 40,5 cm por 18,2 cm em formato aberto. Na capa, foi usado papel couchê 300g e no miolo, papel pólen 80g, ambos para valorizar a estética do produto. O acabamento foi feito com lombada quadrada, cola e costura. No design da capa, optou-se pelo acabamento em laminação fosca para valorizar as cores e proteger a impressão de arranhões e manchas.

A ilustração da capa (Figuras 1), feita pela designer gráfica Juliana Iasi, traz um personagem com cabeça em formato de relógio, o qual corre fazendo o gesto de olhar outro relógio no pulso direito. Veste uma gravata que voa para trás, indicando grande velocidade. Na mão esquerda, carrega uma maleta aberta, da qual saem doze folhas de calendário e se perdem no ar.

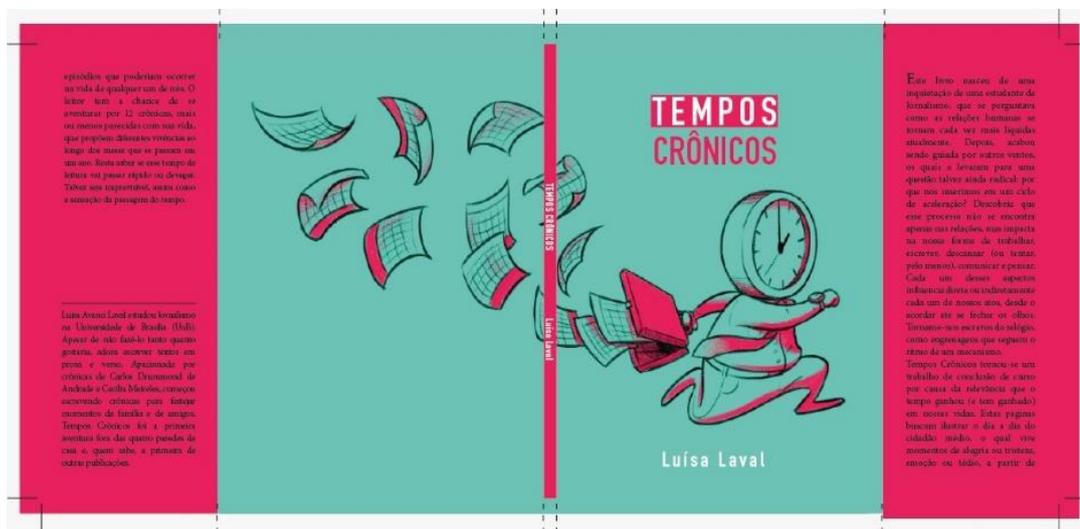


Figura 1. Capa, contracapa e orelhas do livro *Tempos crônicos*. Autoria: Ana Carolina Lourenço (diagramação) e Juliana Iasi (ilustração).

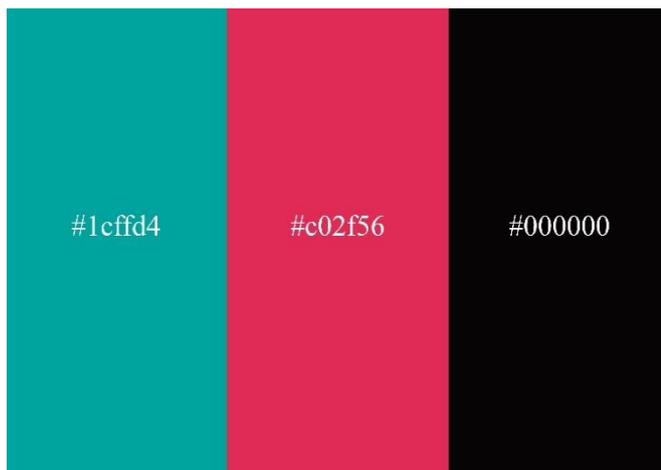


Figura 2. Paleta de cores utilizada na capa do livro. Autoria: Juliana Iasi.

A imagem representa a ideia central do livro: a influência do tempo no cotidiano humano e a nossa constante pressa para resolver inúmeras demandas, seja no âmbito profissional ou pessoal. Entretanto, em meio à correria e o foco em cumprir todos os compromissos, mal percebemos o passar dos meses e corremos o risco de viver uma vida voltada para o mero cumprimento de tarefas, sem olhar para outras esferas importantes. O personagem retratado parece estar preso a uma rotina acelerada, angustiante e interminável. As cores utilizadas (Figura 2) foram selecionadas após a apresentação de diversos tipos de harmonizações, por ser uma combinação vibrante e atrativa: o azul esverdeado remete à serenidade e esperança, que é quebrada por um tom de cor de rosa vívido, avermelhado, sugerindo o sentimento de urgência. Entre as outras opções pensadas pela designer, houve junções entre azul e amarelo, azul e vermelho e azul e branco, verde-limão e azul, como indica a Figura 3.

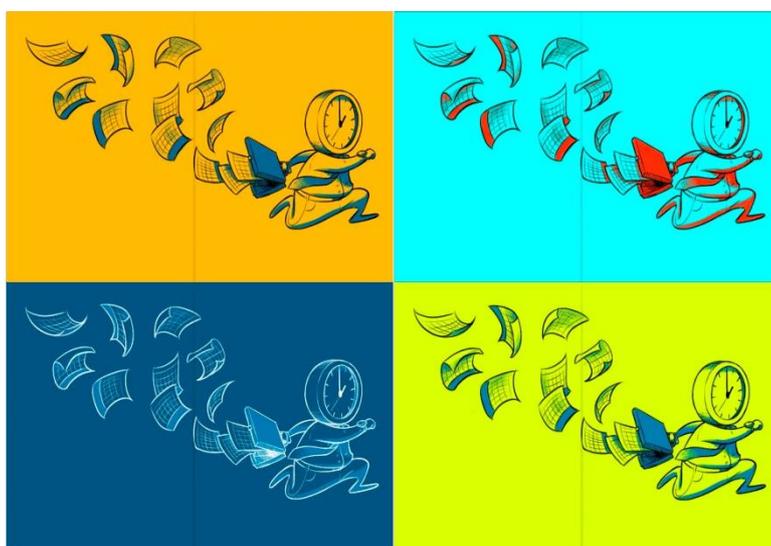


Figura 3. Opções de combinações de cores para desenho da capa de *Tempos crônicos*. Autoria: Juliana Iasi

As outras ilustrações (Figura 4), feitas pela mesma designer, distribuídas ao longo dos capítulos, representam objetos relacionados com a narrativa do capítulo ou com o mês. Cada figura remete a um sentimento ou acontecimento descritos na crônica, como a alegria e o festejo pelo início do ano ou à reflexão sobre a morte e a efemeridade da vida, em novembro. Todos as imagens são monocromáticas e foram inseridas em páginas separadas com tom forte de cor-de-rosa, a fim de fortalecer as imagens e destacar separadamente o conteúdo de cada texto.



Figura 4. Ilustrações contidas em cada capítulo, organizadas por ordem cronológica. Autoria: Juliana Iasi.

Observando a Figura 3, na primeira linha, da esquerda para a direita, encontram-se as ilustrações correspondentes a: janeiro, representado por duas taças de champanhe, as quais simbolizam um novo ano que começa e o desejo de mudança característico deste mês; fevereiro, com uma caneca de cerveja rodeada de serpentinas e confetes, cena característica do Carnaval; março, com um peso de academia ao lado de dois *cookies*, demonstrando as dificuldades que podem existir ao se tentar estabelecer uma rotina sadia e perseverante; abril, com um bolo de aniversário, o qual indica que os principais personagens da crônica completam mais um ano de vida; maio, que possui um travesseiro sem ninguém deitado, indicando que o personagem não consegue um período de descanso nem mesmo em um dia de feriado e continua inserido na mesma rotina de trabalho intenso; e junho, com dois cartões característicos de correio elegante, prática comum em festas juninas em que namorados e pretendentes trocam mensagens de carinho, tema central da crônica.

Na segunda linha, da esquerda para a direita, ainda na Figura 3, estão representados respectivamente os meses: julho, com uma bola de futebol, a qual representa atividades

praticadas por crianças nas férias; agosto, com uma pilha de papéis, a qual representa o acúmulo de demandas que parecem intermináveis e a sensação de duração maior do mês de agosto (ou que se costuma ter); setembro, representado por uma coroa que faz alusão à comemoração da Independência do Brasil, mas que, na prática, tanto o país quanto o povo continua subjugado a domínios externos e outros interesses; outubro, que possui um urso de pelúcia ar entristecido, representação de uma infância perdida e que foi obrigada a se inserir no ciclo acelerado e competitivo da sociedade contemporânea; novembro, com uma rosa caída, símbolo da vida que termina e que, após desabrochar, lentamente murcha e acaba; e dezembro, ilustrado por um pacote de presente, tanto característico das festas natalinas quanto simbolizando o desejo de ganhar mais tempo e de realizar mudanças efetivas no próximo ano que vai começar.

A etapa de diagramação do livro foi executada pela designer Ana Carolina Lourenço. Optou-se por um modelo com a inserção de uma ilustração e do título ao lado da página inicial de cada crônica, a fim de destacar tanto as figuras quanto o texto iniciado em cada capítulo. As fontes utilizadas para os títulos da capa e de cada crônica são da família tipográfica Din (Figura 5), relacionada à modernidade e praticidade, algo que acreditamos ser importante para apresentar cada crônica. No corpo dos textos, foi empregada a fonte Minion Pro (Figura 6), a qual possui letras com serifa e é considerada propícia para leitura em papel.

ABCDEFGHIJKLMNO
PQRSTUVWXYZÀÅÉÎÕ
abcdefghijklmnopqrst
uvwxyzàå&123456789
01234567890(\$£€.,!?)

Figura 5. Fonte tipográfica Din, utilizada nos títulos do livro *Tempos crônicos*. Fonte: Identifont.

ABCDEFGHIJKLMNO
PQRSTUVWXYZÀÁÊË
abcdefghijklmnpqrstu
vwxyzàáéíõøü&123456
78901234567890(\$£€.!,?)

Figura 6. Fonte tipográfica Minion Pro, utilizada no corpo dos textos do livro *Tempos crônicos*. Fonte: Identifont.

4 Diário de bordo

Inicialmente, este trabalho seria uma monografia que discutiria a vivência temporal a partir de três obras literárias: *O retrato de Dorian Gray*, escrito por Oscar Wilde em 1889; *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, escrito em 1953; e *A História sem Fim*, do autor Michael Ende, de 1979. Cada um desses livros trazia personagens que vivenciam de diferentes formas o tempo. A ideia era traçar um paralelo entre os campos da literatura, do tempo e da nossa vivência cotidiana, na qual o jornalismo estaria inserido. Tudo partiria de uma revisão teórica sobre aspectos do tempo e da literatura, para depois discutir como os autores citados poderiam contribuir para a maneira que vivenciamos o mundo. Esse projeto foi concebido em 2016. Desde então, reuni a bibliografia necessária para construir uma base teórica sólida para fundamentar esse debate entre as áreas e cheguei a consolidar alguns capítulos, especialmente na busca por diferentes explicações sobre o conceito de *kairós*.

Entretanto, houve uma guinada radical no início de 2019, motivada principalmente pela mudança do meu orientador original, professor Pedro Russi, para outro país, e a impossibilidade de ele continuar como responsável pelo meu trabalho. A partir desse momento, passei a ser orientada pela professora Rafiza Varão. Decidimos então adaptar o tema da monografia para um produto, o qual abordasse os mesmos aspectos previstos anteriormente. A ideia de escrever crônicas que trabalhassem o tempo partiu do meu interesse de escrita, da conexão mais forte com o jornalismo e da flexibilidade que esse gênero textual permite, o que consideramos ideal para a questão do tempo.

A partir daí, levantamos uma nova bibliografia sobre crônica e gêneros opinativos. Houve certa dificuldade, por não ter sido um tema explorado ao longo de minha graduação. Conteí com bastante ajuda nessa etapa da orientadora. Também passei a ler com mais frequência e afinco crônicas de autores brasileiros conhecidos, como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. Também me serviu como inspiração a obra *Breve história de um pequeno amor*, de Marina Colasanti (2013), vencedor do prêmio Jabuti em 2014, na categoria de melhor livro de ficção.

Após o levantamento bibliográfico, demos prioridade à conclusão deste memorial, para que o embasamento teórico fosse forte o suficiente para desenvolver um bom livro. Mesmo assim, tentei adiantar aos poucos os textos que poderiam entrar. No início, identifiquei dificuldades com relação à escrita do gênero: os primeiros textos tinham mais caráter de conto, por conta do texto lírico demais e por estarem muito grandes. Posteriormente, ao dominar

melhor a crônica e suas características, pude adaptar a escrita e o formato do texto para que se enquadrasse adequadamente à proposta do trabalho. A partir daí, também surgiu a concepção de se dividir o livro em 12 capítulos, que representariam os meses do ano e promoveriam a experiência estética que procurávamos.

O título inicial do livro seria *Fatos crônicos*, antigo nome de um blog pessoal que promovi há alguns anos, mas que foi descontinuado. Tive a ideia de retomar o nome por acreditar que sintetizaria bem a relação entre crônica, jornalismo e tempo, como já mencionado anteriormente. Posteriormente, pensamos que seria melhor substituir por *Tempos crônicos*, por representar melhor a ideia da influência do tempo sobre o cotidiano e o processo de aceleração, os quais guiam a linha narrativa do livro.

No último semestre de desenvolvimento do produto, mudei-me de cidade por motivos profissionais, o que dificultou os encontros de orientação. Entretanto, nos organizamos para envio periódico de material, em que a professora Rafiza me passava as correções e comentários por e-mail. Foi uma experiência interessante, que contribuiu para algumas das crônicas contidas no livro, e trouxe-me um novo olhar sobre a realidade. Afastar-se do cotidiano com o qual se estava acostumada possibilitou novas vivências e novas formas de me relacionar com o tema.

Próximo à finalização do memorial, reuni-me com a ilustradora e a diagramadora para fazer o projeto gráfico do livro, enquanto finalizava os últimos textos. A primeira versão deste memorial foi entregue à orientadora no dia 6 de outubro, enquanto o compilado de todas as crônicas foi concluído em 13 de outubro. Posteriormente, a versão corrigida dos textos foram entregues no dia 27 do mesmo mês. O planejamento gráfico foi concluído no dia 12 de novembro, quando o livro foi encaminhado para a impressão. Tanto este memorial quanto o produto foram entregues aos avaliadores no dia 18 de novembro.

Conclusão

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, busquei unir os principais elementos da crônica jornalística à reflexão sobre a vivência temporal, algo que está permanentemente inserido em nossa vida, mas nem sempre levamos em consideração. Acredito que a importância do livro está na tentativa de despertar o leitor para a maneira que está vivendo o próprio cotidiano, e promover um novo olhar sobre os fatos que ocorrem durante o ano, e podem marcar a trajetória pessoal.

Creio que a união de elementos jornalísticos com literários tem a capacidade de instigar o encantamento, ou seja, a atitude de quem está atento aos detalhes ao redor e admira as coisas pequenas presentes no dia a dia. Por a crônica ser um gênero textual intimamente ligado a esses episódios menores, pensei ser a melhor maneira de tratar a temática do tempo. Ao longo da vida, serão poucos os feitos grandes ou acontecimentos extraordinários pelos quais passaremos (ou talvez nenhum). Em contraste, nossa personalidade se constrói na rotina, em dias comuns, os quais viveremos a maior parte do tempo. Portanto, pensei que a abordagem de fatos corriqueiros favoreceria o contato com o interlocutor e teria o poder de tocar sua consciência e emoções.

Os textos reunidos em *Tempos crônicos* possuem muitas características pessoais e refletem minha visão do mundo. O livro foi desenvolvido em cerca de oito meses, e transmite parte dos sentimentos e acontecimentos que vivenciei durante esse período. Pode parecer que o caráter pessoal seria prejudicial se pensássemos em algo meramente individual ou estilístico. No entanto, por eu estar inserida na realidade cotidiana e ter me inquietado com a reflexão sobre o tempo, acredito que o leitor consiga ter uma identificação ainda maior, justamente por ter sido escrito por alguém semelhante a ele. Esse vínculo com o comum, para Lourenço Diaféria, é justamente um dos fatores que tornam o gênero atrativo: “a crônica nada mais é que as palavras que elas [as pessoas] gostariam de ter escrito” (In: MELO, 1985, p. 119). Penso que o produto cumpre o papel proposto de provocar a reflexão sobre o cotidiano e como o vivemos.

Ao final do processo de concepção, escrita e publicação do livro, acredito na importância de que outros trabalhos sobre a crônica jornalística e outros gêneros opinativos surjam no meio acadêmico, especialmente nos cursos de Jornalismo, por estarem intimamente inseridos na realidade brasileira. O mesmo pode ocorrer com a discussão sobre o tempo e a maneira como o vivemos: por ser um aspecto diretamente relacionado com nosso ser, é passível de diferentes pontos de vista e abordagens, o que tem potencial de contribuir significativamente com a produção de conhecimento.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Cadeira de balanço**. 16ª edição. Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. Companhia das Letras. São Paulo, 1993. Disponível em https://www.academia.edu/5291264/A_VIDA_AO_R%C3%89S-DO-CH%C3%83O_?auto=download. Último acesso em 09/11/2019.

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo Tardio e os fins do sono**. Editora Ubu. São Paulo, 2016.

CONESA, José Martinez. LLOVERAS, M. Antonia. **El concepto de καιρός em la literatura hipocrática**, 1991. Disponível em: <https://ojs.uv.es/index.php/saitabi/article/view/5918>. Último acesso em 03/11/2019.

ESCRIVÁ, Josemaria. **Caminho**. 11ª edição. Editora Quadrante. São Paulo, 2016.

FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1ª edição. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Seleta em prosa e verso**. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1973.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Editora Vozes. Petrópolis, 1985.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 27 n° 79 junho/2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a12.pdf>. Último acesso em 22/09/2019.

ORYHUELA, José. Conferência *¿Qué nos estamos dejando en la cultura móvil?* IN: **UNIV CONGRESS**. Roma, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H8_SEccX6U4. Último acesso em 27/10/2019.

PRIPAS, Sergio (Org.). **Cronos ensandecido**. Editora da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2009.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2002.